

ALÉM DA DEMOCRACIA BURGUESA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 25.05.1980

A greve dos metalúrgicos do ABC recentemente terminada, depois de 41 dias de resistência às pressões mais violentas por parte da alta burguesia local das empresas multinacionais representadas por um governo autoritário, significa afinal uma vitória para os trabalhadores e mais amplamente para a sociedade civil brasileira. Embora à primeira vista possa ser considerada uma derrota, na medida em que as reivindicações fundamentais dos trabalhadores não foram atendidas, na verdade esta greve provavelmente será registrada como um marco decisivo na história dos movimentos sociais brasileiros em prol de uma participação mais efetiva dos trabalhadores na sociedade civil e desta no controle do estado. Na verdade, esta greve abre perspectivas para uma nova etapa na história deste país: uma etapa em que os movimentos populares se transformam em um efetivo ator da história brasileira, de forma a serem superados não apenas os estágios da ditadura oligárquica, agrário-mercantil, da ditadura populista e da ditadura tecnoburocrática-capitalista, mas também o estágio atual da mera e estrita democracia burguesa.

Os significados políticos desta greve liderada por Luiz Ignácio da Silva são múltiplos. Em primeiro lugar ficou claro que os trabalhadores sindicalizados brasileiros já estão maduros para uma ação sindical serena e organizada. Em nenhum momento os trabalhadores perderam-se na indisciplina e na desordem. Se alguma desordem houve nesta greve ela foi originada exclusivamente nas forças da “ordem”. Os grevistas revelaram sempre uma alta dose de emoção, de paixão indignada mesmo, mas souberam sempre manter-se nos limites da razão, mesmo quando provavelmente erraram ao não aceitarem a primeira decisão do Tribunal Regional do Trabalho. Assumiram conscientemente seu papel na luta de classes, deixando sempre muito claro o fato de que seus interesses enquanto trabalhadores conflitam com os da alta burguesia local e das empresas multinacionais, mas nem por isso perderam-se em ideologismos e esquerdismos irresponsáveis.

Em segundo lugar patenteou-se mais uma vez que, se Lula é uma personalidade extraordinária, carismática, nem por isso a greve depende apenas de sua liderança. Havia nesta greve centenas senão milhares de líderes sindicais autênticos. Os trabalhadores brasileiros estão preparados cultural e politicamente para o trabalho em defesa de seus direitos.

O saldo fundamental desta greve, entretanto, que transforma uma aparente derrota em uma vitória decisiva dos movimentos populares no Brasil, foi que através dela estas forças populares selaram um pacto político do mais alto significado. Nos últimos anos dois movimentos populares despontaram no Brasil com grande autenticidade e vigor. De um lado o movimento sindical, que tem seu modelo ou sua ponta de lança no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, de outro o movimento popular da Igreja Católica, baseado nas comunidades eclesiais de base e nos padres e bispos que efetivamente fizeram a opção preferencial pelos pobres, representados neste acontecimento pelas figuras admiráveis de Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Cláudio Hummes. Um é movimento clássico dos trabalhadores organizados, o outro é o movimento da união das massas populares periféricas tradicionalmente desorganizadas porque não ligadas ao trabalho coletivo em grandes empresas capitalistas. Estes dois movimentos estavam separados. Até a pouco os líderes sindicais faziam declarações contra a Igreja, ou contra os padres, que refletiam um velho anticlericalismo. Os trabalhadores organizados haviam aprendido que a Igreja estava sempre a serviço dos poderosos e não percebiam que nos últimos dez ou quinze anos, a partir do Concílio e depois da reunião de Medellín, em 1969, desencadeou-se um processo profundo de mudança política na Igreja, especialmente na Igreja da América Latina. A greve de abril dos metalúrgicos do ABC, em que o apoio da Igreja aos trabalhadores foi total, serviu para liquidar definitivamente esses preconceitos. Os dois movimentos populares se uniram e se fortaleceram através desta união.

Mas além desta união dos dois movimentos populares mais significativos existentes no país, a greve serviu também para unir em termos mais amplo as oposições brasileiras. Diante da repressão patrocinada pela alta burguesia e pelas multinacionais, e executada por um governo militar cioso de sua autoridade, as camadas médias tecnoburocráticas e burguesas e os políticos da oposição, colocaram-se também decididamente ao lado dos trabalhadores. Em relação aos políticos esse movimento foi claro. Não eram apenas políticos da esquerda democrática, como Fernando Henrique Cardoso, Airton Soares,

Eduardo Matarazzo Suplicy ou Almino Afonso, que estavam do lado dos trabalhadores, mas também políticos situados mais ao centro Ulisses Guimarães, Franco Montoro, Cláudio Lembo e Theotônio Vilela. Todos adotaram uma atitude firme e participante de repúdio à repressão policial de que foram vítimas os trabalhadores. O apoio das camadas médias é mais difícil de demonstrar, e certamente não foi unânime, mas há muitas indicações de que a grande maioria da média tecnoburocracia e de que uma parte ponderável da média burguesia solidarizou com os trabalha-dores. (Este artigo já estava redigido quando a revista Isto É de 21 de maio publicou pesquisa do Instituto Gallup segundo a qual 33% dos habitantes da Grande São Paulo ficaram com uma opinião pior do governo Figueiredo depois da greve contra apenas 11% que ficaram com sua opinião melhor. Estes resultados contrastaram violentamente com os da greve de 1979, quando 12% dos entrevistados ficaram com uma opinião pior do governo e 42% com uma opinião melhor).

No final a greve transformou-se em confronto, e quando há confronto o contendor que, além de economicamente débil, não conta com o apoio do aparelho repressivo do estado, é obrigado a ceder. Mas nas condições em que os metalúrgicos do ABC voltaram ao trabalho, devido muito mais à exaustão econômica do que à violenta repressão policial, ficou claro que os mecanismos repressivos do estado brasileiro - a lei de greve, a lei de Segurança Nacional e a própria força policial - estão superadas enquanto forma de solução dos conflitos sociais.

A greve de abril constituiu-se de uma vitória, portanto, não apenas porque possibilitou uma maior união dos movimentos populares e mais genericamente das oposições brasileiras, mas também porque provavelmente terá como consequência obrigar o Governo e as classes dominantes a ampliar a sua “abertura” também para o campo social. Conter a abertura política, nos limites estreitos da pura democracia burguesa, ou seja, da democracia para a burguesia, da qual os trabalhadores estão excluídos, será provavelmente muito mais difícil depois desta greve. A alta burguesia, as multinacionais e o Governo militar enrijeceram politicamente no episódio da greve e poderão pretender insistir nesta postura. Mas, diante da extraordinária resistência e união que demonstra –ram os trabalhadores e em face ao apoio que receberam da Igreja, da oposição política, e das camadas médias, o mais provável é que as classes dominantes e o Governo que as representa acabem também por ceder limitadamente em relação a estes problemas. Só desta maneira poderão neutralizar parcialmente os efeitos

negativos desta greve sobre seu próprio processo de dominação. Afinal o capitalismo só tem podido resistir tanto tempo porque foi capaz de ser flexível, de se adaptar ou de ceder nos momentos em que as pressões populares crescem e se expressões de forma ordenada e politicamente estruturada. A greve de abril de 1980 dos metalúrgicos do ABC ficará certamente na história deste país como um dos momentos desses momentos. A ruptura do sistema não ocorreu, mas novas perspectivas se abriram seja para as ações de adaptação das classes dominantes, seja para uma nova etapa e mais avançada de luta dos movimentos populares no sentido de superar os quadros estreitos da mera democracia burguesa.(25/05)